



Entre a compaixão divina de Lucas 15 e a lógica da misericórdia pastoral no convite da *Amoris Laetitia*

*Between the divine compassion of Lucas 15 and the
logic of pastoral mercy in the invitation of Amoris Laetitia*

Vinícius Henrique Andrade

Resumo

Na contemporaneidade, o amor se manifesta de muitas formas! O amor proporciona a alegria que é também compartilhada pela Igreja, casa de irmãos e lar de todo o cristão. Esta análise, ao conjugar a profunda complexidade emergente de questionamentos e resistências ao exercício do amor, se apoia na prática da misericórdia para se pensar a ação pastoral. Amor e misericórdia são os caminhos oferecidos pelo Papa Francisco, no auge das comemorações da primeira década de seu valoroso pontificado, para se discernir o amor que se manifesta a todos em vínculo a uma misericórdia divina que abrange uma plenitude ainda mais extensiva. Visto que a fragilidade e limitação do homem revelam o mistério da compaixão divina que vai ao encontro pela paciência, o alcançando pela benevolência. Francisco, neste propósito, direciona os olhos da compaixão do Pai aos íntimos corações de todos os filhos e filhas da Igreja, para que saibam acompanhar, discernir e integrar as realidades humanas com este olhar misericordioso que ama e busca o bem de toda a humanidade. Pois é nesta *alegria do amor* do Deus que tanto ama, que Sua lógica da misericórdia é praticada sem negá-la.

Palavras-Chave: Amor. Alegria. Misericórdia. Papa Francisco. Compaixão divina.

Abstract

In contemporary times, love manifests itself in many ways! Love provides the joy that is also shared by the Church, the home of brothers and sisters and the home of every Christian. This analysis, by combining the profound complexity emerging from

questioning and resistance to the exercise of love, is based on the practice of mercy to think about pastoral action. Love and mercy are the paths offered by Pope Francis, at the height of the celebrations for the first decade of his valiant pontificate, to discern the love that manifests itself to all in connection with a divine mercy that encompasses an even more extensive fullness. Since man's fragility and limitation reveal the mystery of divine compassion that meets with patience, reaching him with benevolence. Francis, in this regard, directs the eyes of the Father's compassion to the intimate hearts of all the sons and daughters of the Church, so that they may know how to accompany, discern and integrate human realities with this merciful gaze that loves and seeks the good of all humanity. For it is in this *joy of God's love* that He loves so much, that His logic of mercy is practiced without denying it.

Keywords: Love. Happiness. Compassion. Pope Francis. Divine compassion.

Introdução

Na unidade presente entre os dados doutrinários e as questões pertinentes a *práxis* pastoral é que se revela uma abertura de diálogo a um emblema que ainda se mostra confrontado por uma diversidade de aspectos e interpretações, oriundos de um caminhar sinodal denotado por longas e minuciosas reflexões que veio a “dar à luz”, a uma das recentes obras de pensamento da Igreja Católica no mundo todo: a Exortação Apostólica Pós-Sinodal intitulada “*Amoris Laetitia sobre o Amor na Família*”, de 2016, escrita pelo Papa Francisco.

Um escrito fruto decorrente de profundas, honestas, cautelosas e misericordiosas reflexões, como também de incontáveis controvérsias no cenário almejado de sua atuação, mas ainda: uma ferramenta provocativa para o discernimento (cada vez mais atual) do amor em seus múltiplos modos de se manifestar, principalmente no seio das famílias. No entanto, um amor que proporciona alegria, seja por si mesmo, seja numa relação conjuntamente vivenciada pela ação da Igreja. Igreja esta que se coloca em posição atenta e reflexiva frente à complexidade instaurada pela realidade atual da sociedade como um todo, lhe revelando certa necessidade de aprofundar questionamentos que a favoreça pelo diálogo fraterno, que se torne capacitada de olhar o humano no âmbito de sua processualidade e, acima de tudo, possa discernir todos os seus atos tendo como parâmetro a misericórdia de Deus isenta de uma excessiva permissividade.

Interpelado por aquela que merece todos os cuidados, que é símbolo do júbilo eclesial, padece as intempéries do mundo real, mas é ainda a resposta ao anseio do anúncio cristão a toda a nação, isto é, a *família*, é que o Papa Francisco propõe à Igreja que acompanhe as realidades humanas com o olhar misericordioso de Deus, visto que a condição ferida e limitada do homem também é expressão visível do mistério divino que ama e busca o bem de toda a humanidade.

Neste cenário, apontamos o amor e a misericórdia como categorias-chave apontadas pelo Papa Francisco como direcionamento para a ação pastoral no convite oferecido pela *Amoris Laetitia*. Fazendo uso do que se pode vir a chamar de lógica da misericórdia pastoral como razão de ser, embasadas na experiência do Deus de Jesus Cristo que revela a face de Seu amor por intermédio da prática da misericórdia que alcança a todos, sem negações. Mas por meio de um olhar compassivo de Jesus (abrindo um horizonte reflexivo clarificado nas parábolas de Lucas 15) que usa da paciência para o momento mais aguardado da conversão do homem, sendo disposto a perdoar sem alguma imposição a sua humanidade.

1. Um caminho de *MISERICÓRDIA* para discernir o *AMOR* atual

“O desejo de família permanece vivo nas jovens gerações”,¹ já bem ressaltavam os Padres sinodais no Relatório Final da III Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos Bispos, de 18 de outubro de 2014, e posteriormente salientada pelo Papa Francisco ao assinar sua segunda Exortação Apostólica, *Amoris Laetitia*, datada de 19 de março de 2016, no intento de proporcionar aos cristãos de toda a Igreja Católica uma reflexão pertinente e atual sobre o significado do amor na família em seus mais variáveis modos de se manifestar, como também a alegria que se torna compartilhada junto ao âmbito eclesial a qual é pertencente.

Neste ensejo, o Papa Francisco não propõe tão somente uma belíssima catequese acerca do amor familiar, como também apresenta um panorama significativo dos desafios emergidos por uma cultura e sociedade atual cada vez mais demarcada por uma abrangente complexidade ao se defrontar, de antemão, com temas e problemáticas delicadas que tencionam certa necessidade de aprofundá-las no campo doutrinal, moral, espiritual e, principalmente, pastoral. Havendo, como ponto-de-partida, um caminho de discernimento que leva ao exercício da liberdade para que se alcance maior clareza do destino esperado.

Assim desejou prosseguir o itinerário deste caminho sinodal no qual Francisco, ainda na introdução desta Exortação Apostólica, acentuou a unidade sempre existente nas ações da Igreja entre doutrina e *práxis*, contudo que a relação de ambas não impeça certas possibilidades “de interpretar alguns aspectos da doutrina ou algumas consequências que decorrem dela”.² Um desafio! O caminho sinodal oferecido pela Igreja Católica sobrelevou as extremas resistências por parte de seus próprios membros, obscurecidos ante o essencial requerido por Francisco. De maneira concisa, se é oportuno rememorar as incertezas inquiridas pelos cardeais Carlo Caffara, Joachim Meisner, Raymond Burke e Walter Brandmüller, considerados como o grupo dos “*dubia*”, em relação ao Capítulo VIII da *Amoris Laetitia* e seus números de 300 a 305, correspondentes ao discernimento pastoral.

¹ AL, 1.

² AL, 3.

Tal quarteto atesta assiduamente uma possível “modificação” orquestrada por Francisco ao que concerne a doutrina da Igreja às situações chamadas “irregulares” como um ato de altíssima gravidade moral frente ao cuidado pastoral. No mais, particulares e vorazes críticas nos meios de comunicação evidenciaram cada qual o modelo de Igreja seguido e obstinado por estes purpurados e seus específicos pontos-de-vista em relação ao ensino e à prática da teologia moral. Na total contramão sonhada pelo Papa, desde o anúncio do Sínodo à escrita da Exortação Apostólica, mesmo após 7 anos de sua publicação, a *Amoris Laetitia* ainda é alvo de uma constante contrariedade ao almejar integrar o rigor doutrinário (de modo severamente obstinado pela ala conservadora da Igreja Católica) e uma tolerância pastoral crescente por pensamentos liberais.

Eis os impasses que dificultam fortemente um reto discernimento moral desta Exortação, sendo que para Francisco não há uma regra moral ou uma permissão pastoral, mas um convite atento ao discernimento que emprega, obviamente, a noção da lei, mas também um olhar compreensivo e atencioso ao caminhar processual da própria pessoa humana. Em outras palavras, sonha o Papa Francisco que a Igreja se coloque em posição atenta e reflexiva frente à complexidade instaurada pela realidade atual da sociedade como um todo, sendo esta participante da mesma, lhe revelando certa necessidade de aprofundar questionamentos que a favoreça pelo diálogo fraterno, que a torne capaz de olhar o humano na sua processualidade e, acima de tudo, possa discernir todos os seus atos tendo como parâmetro a misericórdia de Deus, isenta, no entanto, de uma excessiva permissividade. Eis a missão concebida para a *Amoris Laetitia*.

Sendo uma forte marca de seu pontificado, a *Amoris Laetitia* abre caminho para um processo de compreensão. Para tal feito, o Papa Francisco se serve de duas categorias-chave para a ação pastoral oferecida por ela. Procedendo do que se pode vir a chamar, da lógica da misericórdia pastoral, o Papa usufruí dos termos *AMOR* e *MISERICÓRDIA* embasadas na experiência do Deus de Jesus Cristo, que revela a face do Seu amor por intermédio da prática da misericórdia que alcança a todos, sem negações. Ambos se encontram na centralidade desta lógica da misericórdia pastoral. Num olhar mais espiritual, crê o Papa

(...) que Jesus Cristo quer uma Igreja atenta ao bem que o Espírito derrama no meio da fragilidade: uma Mãe que, ao mesmo tempo que expressa claramente a sua doutrina objetiva, “não renuncia ao bem possível, ainda que corra o risco de sujar-se com a lama da estrada”. (...) Jesus “espera que renunciemos a procurar aqueles abrigos pessoais ou comunitários que permitem manter-nos à distância do nó do drama humano, a fim de aceitarmos verdadeiramente entrar em contato com a vida concreta dos outros e conhecermos a força da ternura.”³

Aqui temos o silogismo para se atingir a lógica da misericórdia pastoral aspirada por Francisco. Amor e misericórdia são os objetos próprios a serem utilizados no

³ AL, 308.

raciocínio de tais inferências, no qual toda a *práxis* pastoral se revela (para seu bom êxito) envolvido pelo primeiro por ser concedido pelo segundo, respectivamente. É o primado da caridade, expõe o Papa, de difícil aceitação por parte dos membros da Igreja por se sustentar no amor incondicional de Deus e na perfeição de Sua infinita misericórdia. Em razão disso é que toda a pastoral da Igreja é reflexo incessante da misericórdia de Deus, visto que reflete o Seu amor incondicional que suplanta todo e qualquer rigorismo moral do homem, também passível de fragilidades e, constantemente, sendo alcançado por Sua misericórdia.

Partindo deste caminho de misericórdia, a *Amoris Laetitia* deseja propiciar a todos os cristãos atentos ao seu convite a coragem de se tornarem “sinais de misericórdia e proximidade para a vida familiar, onde não se realize perfeitamente ou não se desenvolve em paz e alegria”.⁴ Entretanto, o que deseja Francisco, no contexto amplo da contemporaneidade, se voltar para a família como uma chave-de-leitura que de base a principal referência de seu pontificado, isto é, a misericórdia? Seja oportuno destacar que a própria Exortação Apostólica parte do contexto de que o amor se revela dos mais variáveis modos, sendo no seio familiar seu primordial fundamento. É ainda em seu Capítulo I, sob a luz da Palavra de Deus, que Francisco expõe uma belíssima catequese familiar ao notabilizar a valorosa importância da família para toda a história ao reconhecer nela a solicitude entre duas pessoas que se objetivam num plano comum de amor: serem abertos à vida e aos que mais necessitam.

Todavia, Francisco vai além em “tocar a ferida” naquelas famílias que se encontram apartadas de uma realidade sacramental, suscitando outros modos de se manifestar o amor conjugal. E é neste ensejo do Papa que se toma a frente o caminho da misericórdia para o discernimento do amor atual. Este caminho passa a despertar um sentimento de compaixão, efetiva uma certa ação de discernir um novo pensamento que se pautar na compreensão e na misericórdia, levando mais uma vez a adentrar a realidade do amor com os olhos da compaixão divina e da vivência do Reino de Deus que abarca a todos, sem exceções, mas necessitados da mais profunda experiência de Seu amor incondicional.

Amor e misericórdia não se desassociam! Ambos são os “degraus” de entrada, as portas de uma vida cristã pautadas no modo de ser de Deus. Em Sua incomensurável paciência amorosa, Deus revela o Seu extraordinário poder misericordioso. Controverter a misericórdia divina é o primeiro passo para se rejeitar os valores primordiais do Evangelho do amor anunciado por Jesus Cristo. Pois Deus é amor e revela o Seu amor, e o convite de Francisco está centrado nesta perspectiva: o amor como um processo de aprendizagem que se é denotado por meio de gestos, palavras e atitudes, conforme deu-se como exemplo o próprio Jesus.

Em nenhum momento de sua Exortação Apostólica, tão pouco em seu pontificado, o Papa Francisco apontou uma alteração em caráter doutrinário ao que concerne a problemática levantada pela *Amoris Laetitia*. De maneira oposta, exorta à prática da

⁴ AL, 5.

misericórdia pastoral como um caminho que oportuniza a uma experiência concreta do amor de Deus a uma escala mais abrangente, de modo particular aos fragilizados. Anseia, portanto, refletir a misericórdia divina a uma maneira menos rigoroso de se vivenciar a *práxis* pastoral. Como proposto no Capítulo VIII, eixo de toda esta problemática, em acompanhar, discernir e integrar a fragilidade humana em seu processo que, em si mesmo, efetiva o amor de Deus. À vista disso, se evidencia o sentido espiritual da *Amoris Laetitia*: a frágil e limitada condição da pessoa humana é a oportunidade requerida para a revelação dos insondáveis mistérios divinos, orientados pelo olhar compassivo de Jesus que se volta ao sujeito que busca o caminho de conversão.

2. Lucas 15 e o AMOR que revela a face da compaixão divina

Para se falar da misericórdia é plausível fazer menção à narrativa de São Lucas, Evangelista. Além de uma notória atenção dedicada aos pobres, pecadores, perseguidos, enfermos e fragilizados, é o Evangelista que dá um caráter primordial ao conceito de misericórdia em seu sentido pleno abrangido pela Sagrada Escritura. É na própria ação da misericórdia presente em um dos capítulos da narrativa que, para muitos estudiosos, denota o “coração pulsante do terceiro Evangelho”. De modo particular: Lucas 15. Contudo, para início de conversa, é interessante enfatizar que “a convivialidade é um traço do Jesus lucano”.⁵

Convivialidade, num sentido genérico do termo, diz respeito à capacidade de saber lidar com a convivência em um âmbito que se favoreça a tolerância e a reciprocidade entre seus semelhantes. Neste cenário, a figura de Jesus expressa essa convivialidade: Ele se sentava à mesa com todos, sejam puros ou impuros; tomava a refeição com eles; acolhia pobres e marginalizados, sem classificá-los por sua condição social; pregava uma grandiosa lição de moral àqueles que se colocavam em posição superior aos outros; se aproximava daqueles que se sentiam mais distanciados e excluídos da sociedade. Jesus expressa, em síntese, a atitude acolhedora, tão bem salientada por intermédio das parábolas de Lucas 15, 1-32, podendo ser apontadas como as “três parábolas da compaixão divina”.

Estruturalmente, Lucas 15 se divide entre a parábola da ovelha perdida (4-7), a dracma perdida (8-10) e o filho perdido e o filho fiel (11-32), tradicionalmente conhecida como a parábola do “filho pródigo” ou do “pai misericordioso”. Toda a narrativa é principiada por certa atitude de consternação da parte dos fariseus e escribas (1-3) que não assimilam a ideia de que Jesus se sente à mesa com publicanos e pecadores, desconsiderando todo o princípio da pureza legal no convívio com os impuros. É desta situação de cunho julgador que Jesus, evidenciado no texto lucano, desperta um interesse inquietante tendo em vista um processo de conversão. Ou seja, um processo que se olha para o sujeito e o leva a se compreender também como filho e

⁵ MASCILONGO, P.; LANDI, A., Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 222.

que suas realidades humanas são acompanhadas com o olhar misericordioso de Deus que deseja alcançar a todos.

E é neste objetivo de conversão que Jesus pretende revelar a face da compaixão divina por intermédio das parábolas. As parábolas são “o meio de expressão, o gênero literário mais conhecido da Bíblia, amplamente atestado nos sinóticos, nos quais ela constitui um terço da matéria”.⁶ É mediante as parábolas que Jesus encontrou o modo mais popular de se falar a linguagem dos povos de sua época, despertando o interesse em seus interlocutores e os convidar a ponderar a partir de suas atitudes e experiências frente ao seu modo de agir com o próximo e consigo mesmo.

Particularmente, a narrativa de São Lucas, Evangelista, na qual se apresenta a grande viagem de Jesus que sobe para Jerusalém e no decurso da qual se narra por volta de vinte parábolas, é que apresenta nas palavras do Mestre a revelação da face do Pai misericordioso. O ápice se encontra a passagem de Lucas 15, na qual o próprio Jesus se utiliza do binômio “perdido-encontrado” como sinais visíveis da atitude acolhedora de Deus, visto a alegria do encontro que é motivada pela conversão de um único pecador, pois Deus não deseja sua morte, mas sua vida em plenitude. Tal perícope, para os estudiosos, são enxergados como que um “evangelho” dentro da própria narrativa evangélica lucana, sendo evidenciados por esta overdose de alegria provocada pela tríplice “perdido-encontrado”.

Contudo, embora o capítulo em questão enuncie a presença de três parábolas no qual possuem a misericórdia como centralidade, é também oportuno observar o quanto se entrelaçam numa projeção de unidade à medida que se formam uma única parábola sobre a misericórdia. Nesta linha de pensamento, Eloy e Silva aborda tal problemática que permite pensar a valiosa importância que detém o evangelista Lucas para um olhar minucioso e atento a misericórdia de Deus, ao modo que o texto lucano revela esta face da compaixão divina acessível a todos os que se colocam num reto processo de conversão. Para Eloy e Silva, embora tripartido estruturalmente, Lucas 15 é constituído por “uma única parábola em três atos, dos quais o primeiro e o segundo atos tornam-se como que as premissas que portam à magistral conclusão que é o ato final”.⁷

Ao ponderarmos a ovelha perdida e a dracma perdida, ambos se concluem no objetivo do processo de conversão: a alegria! A alegria é tanta para Deus que com sua solicitude de pastor vai até as últimas consequências, à procura daquela ovelha que se perde, daquele filho que se afastou do caminho, ouviu a outros pastores e se perdeu por campos espinhentos e pedregosos. Ele se alegra ao encontrá-lo, pois a conversão gera o principal fruto da colheita: a alegria. Se alegra com todos “porque encontrei a minha ovelha perdida!” (Lc 15,6). Semelhante à atitude da mulher que procura incansavelmente sua dracma perdida e se alegra com suas amigas e vizinhas ao encontrá-la. Uma alegria não isolada, mas compartilhada, experienciada com aquelas

⁶ MARCONCINI, B., Os Evangelhos Sinóticos, p. 203.

⁷ SILVA, L. H. E. e., Misericordiae Gaudium, p. 273-294.

que lhe querem bem, que a motivaram ao caminho: “Alegrai-vos comigo, porque encontrei a dracma que havia perdido!” (Lc 15,9).

O processo de conversão, apresentado no texto lucano, abre fortemente à reflexão sobre o Deus que vai ao encontro daquele Seu filho que O busca. E pensá-lo numa dinâmica simultânea: uma oferta de Deus e um descobrimento do homem. Uma superabundância de graça, mas também um constante fruto do esforço. Um *primeirar-se* de Deus, junto a um *aceitar-se* do homem!

Como um “introito” a perspectiva de uma única parábola da misericórdia, se finda ela na eletrizante reflexão de Jesus sobre o filho perdido e o filho fiel, o notório “filho pródigo” e o discreto “pai misericordioso”. Permanece, novamente, o binômio *perdido-encontrado* na figura do filho mais novo que pede os direitos de sua herança ao pai, desperdiça seus bens com promiscuidades e discerne o retorno à casa paterna. Em contrapartida, temos a figura do pai que o acolhe e se alegra profundamente, pois seu filho “estava morto e tornou a viver; estava perdido e foi reencontrado! E começaram a festejar.” (Lc 15,24). Nesta tríplice narrativa, portanto, ocorre a evidência de um único elemento em comum relação: o perdido é buscado, e ao ser encontrado propicia uma alegria a ser partilhada. Pastor-ovelha-amigos e vizinhos; mulher-dracma-amigas e vizinhas; pai-filho-empregados.

Todavia, é neste único elemento posto em comum entre as três parábolas da misericórdia que se notam uma unidade evidenciada pela revelação da face da compaixão divina. As parábolas narradas em Lucas

Revelam a benevolência do Pai manifestada pelas atitudes de Jesus para com os pobres, e os pecadores, usando da paciência para aguardar a hora da conversão e a disposição para perdoar sem impor quaisquer condições. Pelas parábolas e especialmente mediante o ponto mais alto que é a narrativa do filho pródigo (15,11-32), Lucas revela um Deus benevolente que surpreende e se antecipa, um Deus compassível ao extremo, jubiloso a ponto de nem sequer ouvir a confissão do filho (“pequei”), preocupado apenas em fazê-lo entender que ele ainda é filho, como sempre, e que aquela casa continua sendo sua casa. É um pai “que não cessa de amar o filho que foi embora para longe, um pai que continua esperando por ele.”⁸

Ao se esquematizar tal unidade mediante a figura dos personagens em questão, se vê o pastor e a mulher como expressões da figura paterna que “viu-o, encheu-se de compaixão, correu e lançou-se-lhe ao pescoço, cobrindo-o de beijos” (Lc 15,20). Ou seja: o movimento da procura, do ir ao encontro, do adentrar a realidade ferida e fragilizada, isenta de discriminações. Mas também o vislumbre pela alegria que marca o reencontro do que se era perdido. É nesta conclusão que almeja salientar Eloy e Silva como sendo o “eixo representativo da misericórdia divina sempre aberta à acolhida e ao reencontro”.⁹

⁸ MARCONCINI, B., Os Evangelhos Sinóticos, p. 211.

⁹ SILVA, L. H. E. e., Misericordiae Gaudium, p. 291.

A compaixão divina, na obra lucana, é benevolente e surpreende por sempre se antecipar. Num modo poucas vezes mencionado, no “pai misericordioso” vemos este sinal visível de Deus amoroso, bondoso, compassivo e misericordioso para com aqueles que O busca de coração reto e sincero. O Pai que possui uma atitude muitas vezes desafiadora para muitos que é o agir com benévolo acolhimento. O Pai que alcança a todos com a sua misericórdia, tão esperada e honrosamente celebrada com júbilo e alegria. O Pai que, por primeiro, vai ao encontro daquele que, no caminho, já almeja buscá-Lo. O Pai que não faz distinção entre aquele que se perde ou aquele que é fiel. O perdido, na hora oportuna, busca o encontro. O fiel, sem mesmo perceber, recai na pretensão que o desencontra. O Pai é fiel! Teologicamente falando, é sempre “*hésed*”, fiel a Sua aliança, ao Seu propósito, ao Seu convite e ao Seu acolhimento, a pessoa que se converte e O busca de coração sincero.

Realça, portanto, Eloy e Silva que “cada vez em que Deus nos acolhe por sua infinita misericórdia ele nos devolve a nós mesmos, pois nos possibilita fazer a experiência de nascermos de novo pela graça do perdão que nos concede”.¹⁰ O convite de Lucas 15 se revela nestes parâmetros:

A atitude está em (Jesus) ter ido comer com os pecadores e, as parábolas, em se alegrar com o encontro de quem estava perdido. São três parábolas; a ovelha perdida, a moeda de prata extraviada e a do “filho pródigo”. Tanto o pastor que procura a ovelha, como a mulher que varre a casa e o pai do “filho pródigo” são personagens que representam atitudes de Deus. Deus procura incansavelmente os pecadores. (...) A compaixão do pai ao vê-lo retornando demonstra o amor de Deus para com o sofrimento e humilhação humanos.¹¹

Lucas 15, neste enquadramento, realça o amor que revela a face da compaixão divina. Pois é deste modo o agir de Deus: na bondade, na graciosidade, cheio de misericórdia e tão superabundante no amor. A consequência da compaixão divina se reveste no fruto da alegria, pois Deus se alegrará por um só pecador que busca a conversão. A alegria do encontro é o “alicerce” para a efetivação da compaixão realizada pelo Pai, que imprime liberdade para com aquele que deseja o acolhimento e se dispõe a penitência. Assim, o texto lucano expressa o desejo do amor manifesto por Deus ao revelar a face de Sua compaixão divina que não se limita, pelo contrário, se vivifica.

3. Francisco e a *MISERICÓRDIA* do bem que busca toda a humanidade

Em 11 de setembro de 2016, no contexto do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, em sua oração dominical do Angelus, ao comentar a passagem bíblica de

¹⁰ SILVA, L. H. E. e., *Misericordiae Gaudium*, p. 293.

¹¹ PRETO, N. de O., *Luz da Palavra*, p. 247.

Lucas 15, o Papa Francisco ressalta-a como um capítulo da misericórdia no qual Jesus apresenta o verdadeiro rosto de Deus.

Um Pai de braços abertos, que trata os pecadores com ternura e compaixão. A parábola que mais comove — comove todos — porque manifesta o amor infinito de Deus, é a do pai que vai ao encontro e abraça o filho reencontrado. E o que admira não é tanto a história triste de um jovem que precipita na degradação, mas as suas palavras decisivas: ‘Levantar-me-ei e irei a meu pai’ (v. 18). O caminho do regresso para casa é o da esperança e da vida nova. Deus espera sempre que recomeçemos a viagem, espera por nós com paciência, vê-nos quando ainda estamos longe, vem ao nosso encontro, abraça-nos, beija-nos, perdoa-nos. Deus é assim! O nosso Pai é assim! E o seu perdão cancela o passado e regenera-nos no amor. (...) Isto infunde-nos grande esperança porque não há pecado em que tenhamos caído do qual, com a graça de Deus, não possamos ressurgir; não há uma pessoa irrecuperável, ninguém é irrecuperável! Porque Deus nunca deixa de querer o nosso bem, até quando pecamos!¹²

É deste sentido espiritual que o Papa reverbera a *práxis* pastoral tão almejada pela *Amoris Laetitia*: que a lógica da misericórdia pastoral seja um caminho processual de atento, cauteloso e acolhedor acompanhamento de todas as realidades humanas em constantes problemáticas e transformações por intermédio de um olhar misericordioso de Deus. Olhar este que é capaz de escutar na interioridade, e com maior profundidade adentrar a realidade que deseja amar e buscar o bem de toda a humanidade. É partindo de Jesus que ama e Se compadece que deve a Igreja, na época atual, saber lidar com está mesma dinâmica, ou melhor dizendo, com esta convivialidade.

A lógica da misericórdia pastoral atua na esfera eclesial de uma completa sensibilidade teológica moral, superior a todo e qualquer rigorismo que destoa de uma necessária compreensão da realidade enquanto tal, mas denote uma atitude de amabilidade, reta intencionalidade e isenta de qualquer incompreensibilidade. Deseja Francisco um voltar-se à realidade do sofrimento, não com certo laxismo, mas num caminho processual. Processo este que convida à conversão adentrando as raízes da específica realidade e oferecer uma mentalidade moral que oportunize ouvir e acolher a fragilidade, reafirmando nela o desejo amor incondicional de Deus e Sua infinita ação misericordiosa. Novamente se encontram nesta dinâmica a prática do amor e o exercício da misericórdia.

Para o Papa Francisco, a misericórdia se destaca pela prática do bem possível em vínculo a uma Igreja que realça o seu compromisso primacial de agir no âmbito da fragilidade. A missão eclesial, proposta aos seus membros, se revela num ideal de assumir um sentido de compaixão aqueles que mais enfrentam as intempéries da fragilidade, perseguidos por um “tribunal” dos juízos e rebaixados ao pior grau da indiferença. A misericórdia está neste “tocar a ferida” que cada vez mais segrega a convivialidade oferecida por Jesus ao nó do drama humano que fere o diálogo e proximidade com a vida e lesa a

¹² FRANCISCO, PP., *Angelus na Praça São Pedro*, 2016.

força renovadora do sentimento de brandura. Ao enfatizar o ideal de misericórdia, de modo particular no contexto referido no transcurso do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, Francisco espera que tal exercício regresse novamente ao seu devido lugar na *práxis* pastoral da Igreja como anunciadora da misericórdia divina que tange à Boa-Nova do Cristo, que alcança uma plenitude sem exceções e se compromete com a herança deixada pelo Filho: ir ao encontro... daqueles que anseiam pelo encontro.

Sendo filhos no Filho, todo cristão e cristã batizado na fé da Igreja é convidado a agir aos modos de Jesus, nos sentimentos d'Ele, na compaixão que nasce do Seu sacratíssimo coração, na misericórdia que agita Suas entranhas. Agir como o Filho – pois cada qual também recebeu a ação de Sua emoção – é saber retribuir aquele olhar que, por primeiro, foi capaz de alcançar a mais diversa debilidade presente na intimidade de cada pessoa humana. Nisto o Papa evoca, do mesmo modo, um vocábulo muito eloquente em seu Magistério atual: a ternura; a ternura como resposta primacial a concretude do amor benevolente que Deus derrama no mundo. Gesto divino que concebe a sentir o afeto d'Ele por Sua criatura, criada à Sua imagem e semelhança, também versada a mesma prática que se volta, não para si, mas para o bem de toda a humanidade. A ternura é um “braço” da misericórdia que atua pela facilidade, adverte a *Amoris Laetitia*, e não pela severidade.

Retorna-se ao primado da caridade como referência a ação gratuita do amor de Deus. Eis a maior transformação desejada por Francisco: um discernimento pastoral envolvido pelo grandioso amor misericordioso de Deus. Uma lógica de aspectos complexos, incertezas, apreensões e viabilidades. Como instaurar uma lógica de escuta atenta, acompanhamento delicado, discernimento honesto e integração sincera frente a um fundamentalismo ético focado em atos isolados e regras em contexto desordenado? Para o Doutor em Teologia Moral, Ronaldo Zacharias, em sua reflexão sobre a pretensão fundamentalista na Exortação Apostólica de Francisco, a *Amoris Laetitia* não atua no campo das regras e atos, mas nas formas de ser no mundo. Formas estas interpeladas pela ação da consciência que, hermeneuticamente falando, propicia uma abordagem interpretativa e avaliativa das normas morais no que concerne aos caracteres em prioridade.

Os perigos de um fundamentalismo no exercício ético da misericórdia inferem na negação de uma gradualidade da pessoa humana em suas variáveis etapas de crescimento, questionamento e escolhas prudentes. Francisco, destaca Zacharias, não se volta ao campo doutrinal, mas dá visibilidade ao discernimento que “se refere a pessoas e não a ideias, problemas ou estados civis e, por isso, deve ser capaz de considerar todo o dinamismo de uma vida e até mesmo de um caminho espiritual”.¹³ O objetivo de Francisco é clarificante como ferramenta necessária a discussões fundamentalistas e propostas de acompanhamento e discernimento perante Deus. O convite à Igreja não lesa a idoneidade do matrimônio, mas reafirma a consciência deste. É formar a consciência de cada cristão e cristã, membros vivos da Igreja, num processo

¹³ ZACHARIAS, R., Fundamentalismo ético-moral, p. 253.

de discernimento e decisão pessoal e não uma máxima pronta e sujeita sempre a toda e qualquer aplicação. Não ideias, mas pessoas.

A lógica do Evangelho de Jesus é evidente, pois não deseja a exclusão. Jesus veio para unir os que estavam perdidos e apartados, negados ao convívio, julgados por suas fraquezas, condenados pela superioridade. Nos mesmos sentimentos de Jesus, Francisco volta seu olhar a estes. Com mais acerto, se volta à misericórdia e seu lugar de destaque no seio eclesial. No caminho oferecido, ele vê a necessidade da humanidade pela ação da misericórdia, pois ela é ferida, marginalizada e esquecida. A misericórdia tem um princípio, sujeitos aos quais se destina e um compromisso desafiador em vista de uma Igreja em saída querida por Francisco.

Como princípio: Deus é misericórdia! Por isso que “só um Deus misericordioso pode ser misericordioso. Um Deus sem misericórdia não pode ser misericordioso”.¹⁴ É este Deus misericordioso que age com misericórdia por Ser detentor da própria misericórdia. Ele é apenas perceptível para aquele que, em seu processo, experienciou a ação misericordiosa em sua vida e em suas relações. Pela ação da misericórdia é que a pessoa humana concebe a ideia que envolve o inexplicável mistério da compaixão de Deus, pelo fato de vivenciá-la em sua profundidade e assumi-la na integralidade.

A misericórdia se direciona a sentir a causa do pobre (em sua nomenclatura: *miserere+cordis*) e no olhar atento e cuidadoso ao seu sofrimento e padecimento. É se deixar tocar pela miséria do outro, sendo esta algo não apenas superficial, mas que afeta seus aspectos de ordem vital. A misericórdia se volta a emoção, sente a desumanização, chora as mazelas e perturba o coração. Ela adentra na intimidade, confronta a indiferença e debilidade, combate o que não funciona e anuncia o valor que soma. Aquele que age com misericórdia compreende, em sua interioridade, o que aos seus olhos se obscurece no sentido mais profundo. Misericordioso é quem possui um coração comovido, responsável, alegre e que faz voz à ação de Deus compadecido pelo frágil, responsabilizando por seu cuidado e Se alegrando com seu desejo de conversão.

Por último, a misericórdia é detentora de um compromisso desafiador em vista do que sempre reforça o Papa Francisco: uma Igreja em saída. De que modo? Na formação da consciência orientada no bom uso da deliberação pela prática de suas ações. Formar a consciência, não apenas em caráter pessoal, mas em esfera social e comunitária que deseje um compromisso solidário. No conjunto das mais diversificadas problemáticas, Francisco corrobora a posição encorajadora da pessoa humana em se abrir aos desafios da insegurança e dos conceitos a serem revistos diante dos valores pertinentes ao Evangelho que proporcione, primeiramente, um testemunho de vida que olhe em sua amplitude as variáveis relações existenciais divergentes dos campos aprazivelmente habituais.

O grande desafio de Francisco está em fazer a misericórdia agir para o bem de todos como exigência básica. Um projeto não distante do ideal requerido pelo próprio Jesus para a ação evangelizadora da Igreja. Apesar disso, o grito dos frágeis ainda é

¹⁴ HAMMES, E. J., O princípio teológico da misericórdia, p. 52.

eminente e o desejo do Papa cada vez mais desafiador e urgente. Seu coração compassivo se volta aos descartados, a uma humanidade fragilizada pelo rigorismo e a opressão de tantos “perfeitos” que, absortos do acolhimento, julgam na contramão de uma lógica que tenciona a interioridade e a proximidade. Neste sentido, para se ponderar a moral presente no Magistério de Francisco, é primordialmente necessário a aceitação da *práxis* da misericórdia como quem se torna capaz da inclusão, que saiba ansiar por aquele que deseja também ser alcançado em uma humanidade que olhe para a unidade.

O mais fascinante: a moral de Francisco não se extingue no termo, mas se expande para a prática. Os juízos e valores morais agora não se frisam apenas em determinações ou indubitáveis aplicações, mas descobre a realidade da pessoa humana e lhe concede numa óptica que principia de sua realidade e o contemple no campo do amor e da misericórdia. Realça, novamente, ambas as categorias-chave para o exercício da lógica da misericórdia pastoral do Papa Francisco na *Amoris Laetitia*.

Um projeto moral com essas características implica também a denúncia das situações injustas, dos sistemas opressivos, de ideologias e estruturas que condicionam a liberdade do homem para que este possa agir de acordo com o bem; implica também denunciar uma moral secular individualista, hedonista e egoísta que rejeita a ética e o próprio Deus.¹⁵

Francisco denuncia a divisão e fortifica a união e a integração! Não uma Igreja, como muitas vezes explanou em suas elocubrações, que trabalhe num sistema de “alfândega sacramental”, mas uma instituição eclesial aberta ao acolhimento, a integração, ao bom discernimento e a *práxis* da compaixão. Uma ideia central que recupera um projeto de plena comunhão que parte das origens de se compreender o povo como filiação de Deus. Nesta conjuntura se exprime um relacionamento fraterno que enobrece o agir da pessoa humana em vínculo excessivo com o projeto de amor e misericórdia de Deus. Francisco almeja a conversão do coração humano, decaído por uma infinidade de valores postos em crise pelas circunstâncias da época atual e a desvalorização do homem enquanto criatura plasmada no amor e sujeito para a misericórdia que o convida ao processo de humanização.

É pensar, teoricamente, uma mudança de paradigma que ocorre num progressivo caminho no qual a misericórdia se coloca como ponto-de-partida, e o amor sua meta renovada que adentra a uma nova realidade. A misericórdia lida com tensões e incompreensões, na prática de que o amor atua na compreensão do desejo almejado. O Papa Francisco apresenta uma lógica que se revela assemelhada a um “intuito”: a misericórdia gira em torno de uma abertura diligente para a conversão, à medida que o amor age na sensibilidade que concebe ao outro um discernimento existencial. Isto posto, a misericórdia como um bem que busca a toda a humanidade sobrevém à

¹⁵ BLANCO, P. A., O projeto moral do Papa Francisco, p. 26.

proporção que o discernir se mostra versado a avaliar a condição da pessoa humana na esfera de uma unicidade.

Conclusão

Não uma Igreja de “alfândega”, salienta inúmeras vezes o Papa Francisco no itinerário das reflexões e análises do trabalho da III Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos Bispos e, evidentemente, nas entrelinhas oferecidas pela *Amoris Laetitia*, para beneficiar a noção de Igreja numa gradualidade pastoral que se abra as moções do Espírito e se torne capaz de olhar para a pessoa humana enquanto tal, passível de suas incompreensões e fragilidades, mas filho do Deus tão amável. Também não é seu desejo promover um laxismo ao que concerne ao campo doutrinal, muito menos uma especulativa perseguição a membros eclesiais que almejam uma Igreja “à la carte”, em seus modos e desejos. Francisco, em contrapartida, quer um caminho além! Um caminho que não se submeta as incompreensões, resistências e pressupostos herdados por um rastro inegociável de se entender e aceitar o convite de sua nobre Exortação Apostólica. Francisco quer um caminho além!

Para deixar claro todo o seu desígnio, não precisou ir tão longe para que cada cristão ou cristã, membro fiel da Igreja Católica, pudesse compreender o objeto deste caminho: a família! É nela que se aprende a *ser humano*, mas também se expressa toda a beleza do mistério. O mistério do amor de Deus, revelado em Jesus Cristo, manifestado na ação da Igreja e alcançado no seio de cada família. É na família que se abre caminho para a vida e, através dela, se dá o sentido para a existência. É também na família, *Igreja doméstica* (definida de modo mais abrangente pelo contexto da pandemia da COVID-19), que se dá uma abertura ao modo do *ser Igreja*.

O Papa Francisco convida a alegria do amor que se volta à família, mas abarca a amplitude de uma Igreja que carece repensar a alegria deste amor que assume caráter pleno e transformador nos sentimentos compassivos do Senhor. Deus é amor, misericórdia e compaixão, e é Ele que sustenta a Igreja edificada sobre esta mesma noção, este mesmo sentido e objetivo. Uma Igreja isenta deste propósito regressa, novamente, ao princípio alfandegário exposto pelo Papa: uma Igreja fechada a alegria da proximidade, do acolhimento, da reciprocidade. Uma Igreja que não se alegra “por um só pecador que se arrepende” (Lc 15,7), pelo contrário, se fixa no objeto que se perdeu e no sujeito que partiu para outros horizontes substituído de perspectivas.

Afinal, a *Amoris Laetitia* não é apenas um convite a um novo modo de se refletir a *práxis* pastoral no âmbito da Igreja, discernindo o campo moral e aplicando a dimensão pastoral. Francisco vai além! Além, pois reconhece que o caminho não seria fácil, compreensível e de alta aceitação. Ele se mostra disposto a aceitar que o exercício da misericórdia seja ponderado não somente em vista do sujeito em questão, mas da ação misericordiosa do Pai que alcança a todos com o seu itinerário de conversão.

Francisco quer realçar a alegria do amor que se é compartilhada pela Igreja que se alegra em usar da misericórdia para com aqueles que a amam e desejam trilhar o caminho do bem. A motivação para toda a lógica oferecida por ele para a realização deste caminho se mostra na atitude sincera de se buscar a Deus, e ser encontrado n'Ele por Seu amoroso coração. O amor é traço fundamental da compaixão divina, que infere na lógica que olha para todos e atinge o ápice da humanidade que jamais se desvaloriza, pelo contrário, se humaniza em sua realização.

Referências Bibliográficas

- BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 14. impr. São Paulo: Paulus, 2020.
- BLANCO, P. A. O projeto moral do Papa Francisco. Sete lugares teológicos como desafios morais. In: ZACHARIAS, R.; MILLEN, M. I. de C. (Org.). **A Moral do Papa Francisco: Um projeto a partir dos descartados**. Aparecida: Editora Santuário, 2020. p. 19-54.
- FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia* sobre o amor na família**. Brasília: Edições CNBB, 2016.
- FRANCISCO, PP. **Angelus**. Vaticano, 2016. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/t/francesco/pt/angelus/2016/documents/papa-francesco_angelus_20160911.html>. Acesso em: 23 mar. 2023.
- GALINDO, J. B. *Amoris Laetitia* e discernimento moral: o amor se manifesta de diversos modos. In: ZACHARIAS, R.; MILLEN, M. I. de C. (Org.). **Discernimento Moral e Benignidade Pastoral: Para além das incompreensões e resistências à *Amoris Laetitia***. Aparecida: Editora Santuário, 2021. p. 241-259.
- GRIGOLETO, S. Alguns desafios para a ética teológica de uma Igreja em saída. In: MILLEN, M. I. de C.; ZACHARIAS, R. (Org.). **O Imperativo Ético da Misericórdia**. p. 303-322. Aparecida: Editora Santuário, 2016.
- HAMMES, E. J. O princípio teológico da misericórdia. In: MILLEN, M. I. de C.; ZACHARIAS, R. (Org.). **O Imperativo Ético da Misericórdia**. Aparecida: Editora Santuário, 2016. p. 49-76.
- JEREMIAS, J. **As Parábolas de Jesus**. São Paulo: Paulus, 2020.
- JÚNIOR, F. A. Sujeitos da misericórdia. In: MILLEN, M. I. de C.; ZACHARIAS, R. (Org.). **O Imperativo Ético da Misericórdia**. Aparecida: Editora Santuário, 2016. p. 97-115.
- LAPALMA, M. *Amoris Laetitia* e benignidade pastoral: um novo paradigma hermenêutico. In: ZACHARIAS, R.; MILLEN, M. I. de C. (Org.). **Discernimento Moral e Benignidade**



Pastoral: Para além das incompreensões e resistências à Amoris Laetitia. Aparecida: Editora Santuário, 2021. p. 281-305.

MASCILONGO, P.; LANDI, A. **Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos**. Petrópolis: Vozes, 2022.

MARCONCINI, B. **Os Evangelhos Sinóticos: Formação, Redação, Teologia**. São Paulo: Paulinas, 2001.

PRETO, Pe. N. de O. **Luz da Palavra**. Comentários sobre os textos da liturgia dominical Anos A, B e C. Aparecida: Editora Santuário, 2004.

SILVA, L. H. E. e. *Misericordiae Gaudium*: Quando os ombros e as mãos fazem-se braço no abraço – Por uma releitura da unidade do tríptico de Lc 15. **Revista de Cultura Teológica**, n.88, p. 273-29, jul./dez. 2016. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/cultureteo/article/view/rct.i88.30934/21425>>. Acesso em: 20 mar. 2023.

ZACHARIAS, R. Fundamentalismo ético-moral. Amoris Laetitia: um “não” radical à pretensão fundamentalista. In: MILLEN, M. I. de. C.; ZACHARIAS, R. (Org.). **Fundamentalismo: Desafios à ética teológica**. Aparecida: Editora Santuário, 2017. p. 223-269.

Vinicius Henrique Andrade

Graduado em Filosofia e graduando em Teologia pela PUC Campinas
Campinas / SP – Brasil
E-mail: vinicius.andradehenrique150898@gmail.com

Recebido em: 27/03/2023

Aprovado em: 01/09/2023